



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v18i2>

# “QUERER, SEM SER QUERIDA”: PANORAMA PARCIAL DAS ESCRITORAS MARANHENSES DO SÉCULO XIX

GABRIELA DE SANTANA OLIVEIRA (UFF)\*

 <https://orcid.org/0000-0002-7872-1567>

## RESUMO

Com o intuito de dar visibilidade às mulheres que se dedicaram à literatura no Maranhão de outrora, este trabalho apresenta nove escritoras nascidas até a década de 60 do século XIX. A metodologia aplicada envolveu o estudo de bibliográfico de obras e artigos e a análise documental baseada na pesquisa hemerográfica de textos jornalísticos. Na apresentação dos apontamentos biobibliográficas das autoras estudadas, busca-se dar ênfase à produção literária de cada uma, isto é, não somente citar os títulos das obras, mas discorrer, mesmo que brevemente, sobre a estética presente nesses textos. Isso porque, estando a maioria dessas mulheres no completo esquecimento, entende-se que é fundamental trazer à tona suas vozes e a contribuição delas para a literatura maranhense.

**Palavras-chave:** Escritoras maranhenses; Mulheres; Literatura maranhense; Século XIX.

## ABSTRACT

### “QUERER, SEM SER QUERIDA”: PARTIAL VIEW OF THE 19TH CENTURY MARANHÃO-BASED FEMALE ARTISTS

Aiming to give visibility to women in Literature in Maranhão of the past, this work presents nine female writers who were born until the 60s of the 19th century. The methodology followed the bibliographic study of their works and articles, and the documental analysis based on the hemerographic research of journalistic texts. In the writers' biobibliographic part, it is intended to emphasize their literary production, in other words, to comment briefly the texts' aesthetic, instead of simply listing the titles. That is explained by the complete oblivion most of these women are, which makes it paramount to bring their voices and contributions to Maranhão's Literature.

**Keywords:** Female Maranhão-based writers; Women; Maranhão's Literature; 19th century.

---

\* Doutoranda em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (POS-LIT), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLETRAS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora do Colégio Universitário (UFMA). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7524938115116788>. E-mail: [gabrielasantana1611@gmail.com](mailto:gabrielasantana1611@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Tomamos de empréstimo o verso de Jesuína Serra<sup>1</sup> para começar a falar das muitas mulheres que, ao longo dos oitocentos, se dedicaram à literatura no cenário maranhense. Sim, foram muitas as que se arriscaram a penetrar no universo das letras, naquela altura, extremamente fechado, onde somente os homens circulavam com naturalidade. O desejo de romper com as imposições que as restringiam aos domínios do lar, de se entregar aos trabalhos do intelecto, de dar vazão às pulsões criadoras, levou-as a “quererem”, mesmo que “não fossem queridas” nesses espaços sociais.

O Maranhão de outrora carrega a fama de “Atenas brasileira” por ter sido o berço de grandes vultos da estirpe de Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, entre outros. O objetivo desse trabalho é demonstrar que, no século XIX, as mulheres também escreveram, e escreveram muito, e, assim, comprovar que elas ofereceram uma contribuição de valor para a literatura e que, por esse motivo, são dignas de reconhecimento.

Sabemos que a sociedade oitocentista estava mergulhada em uma ordem patriarcal, apesar disso, algumas mulheres buscaram formas de conquistar um lugar a elas interdito. Um artigo de Eponina Condurú<sup>2</sup>, intitulado “Defesa dos direitos da mulher” e veiculado em 1886, serve como testemunho desse jogo (desigual) de forças. No texto que foi publicado no *Diário do Maranhão* (ano XVII, n. 3954, 05/11/1886, p. 1), Eponina Condurú responde a outra matéria que criticava a nomeação de mulheres ao cargo de

agentes do correio. O autor desse artigo afirma que se a prática de contratar mulheres se tornar corriqueira, os homens verão seus direitos, já adquiridos, serem-lhes retirados. Nessa pequena fala vemos muito do que subjaz os esforços de desencorajamento das realizações femininas, a saber: os homens se sentiam ameaçados. Eponina é irônica e diz que só alguém muito medíocre pode se sentir amedrontado. A autora toca ainda em outro ponto fulcral da questão: os afazeres domésticos. Ora, se as mulheres saíssem para trabalhar, os maridos teriam que dividir tais tarefas, o que era impensável. Ela é bastante ousada ao criticar esse estado de coisas, pois a posição da mulher como “a rainha do lar”, que cumpre as funções de mãe e esposa era algo quase sagrado.

Vivendo sob esse regime, é fácil imaginar que a participação em ambientes intelectuais e acadêmicos foi alcançada por algumas mulheres às custas de muito esforço. Hoje, é triste constatar a situação de total ostracismo que existe em torno da maioria delas. Destarte, o que motiva nossa pesquisa é a morte social dessas escritoras. Algumas delas, ainda em vida, passaram por processos de apagamento. Isso se desdobra de várias maneiras: 1) na penúria que algumas experimentaram ao fim da vida, quando não podiam mais trabalhar, como Maria Firmina e Mariana Luz; 2) na impossibilidade de publicarem suas obras, como Mariana Luz, Márcia de Queiroz e Luiza Nunes; 3) no esquecimento que pouco a pouco as alcançava. Um exemplo disso, é a ausência de Maria Firmina do quadro de fundadores da Academia Maranhense de Letras. Ora, em 1908, quando surgiu essa instituição, Firmina ainda estava viva e já era conhecida sua atividade literária, mas parece que, para aqueles jovens tão preocupados em honrar os nomes do passado, ela não merecia ser lembrada.

1 Jesuína Serra é considerada uma das primeiras poetisas a se destacar no Maranhão. Falaremos a seu respeito adiante.

2 Eponina Condurú foi professora e jornalista. É uma das escritoras que apresentaremos na próxima seção deste trabalho.

No ano de 1912, em matéria que circulou no jornal carioca *Gazeta de Notícias* (ano XXXVI, n. 90, 30/03/1912, p. 4), a despeito de comentar duas obras de escritoras maranhenses, o livro de poemas – *Flocos* – de Leonete Oliveira e o livro de contos – *As promessas* – de Laura Rosa, Lucio de Navarro faz uma espécie de balanço da literatura produzida por mulheres em terras maranhenses. Após discorrer sobre a fama de ser o Maranhão uma terra de intelectuais, ele se diz curioso com a ínfima quantidade de senhoras escritoras: “meia dúzia dellas escrevem uns versos cheios de infantillidades e, apenas, duas ou três aparecem em livros.” Apesar de dizer que está homenageando as escritoras, ele termina seu texto com pitadas de ironia: “Sendo o Maranhão a terra dos poetas, por que um número limitado de poetizas tem produzido?”

Nosso trabalho vem demonstrar que as coisas não foram bem assim, as mulheres escreveram e publicaram, e mesmo aquelas que não conseguiram trazer a público seus livros, ainda assim, estiveram presentes, de forma intensa, na imprensa. Contudo, contra elas, se impunha toda sorte de dificuldades. Além de não terem tido acesso à mesma educação dos homens, de não gozarem da liberdade de escrever sobre o que quisessem (a moral social estabelecia rígidos limites às letras femininas), sobre elas pesava o preconceito e o machismo. Algumas foram estigmatizadas, taxadas de ridículas e alvo de maledicências. Não contavam com apoio institucional, e daí em diante.

Esses mecanismos de desincentivo se fazem notar nos variados espaços onde a atividade literária se manifesta. Quase não se tem notícia sobre a atuação de mulheres. Em coletâneas literárias, a participação feminina era reduzida a um número mínimo. Para não sermos exaustivos, já que a situação

sempre se repete, citaremos somente um caso: o da obra *Sonetos brasileiros* (1913). A edição que contém o extravagante número de quinhentos poetas, apresenta a produção de pouco mais de vinte mulheres<sup>3</sup>. O desequilíbrio é gritante. Será que todos esses homens escreveram poesia de alta qualidade e as mulheres só escreviam mediocridades, e por isso ficaram à margem? Bem, uma parcela da crítica insiste em defender esse tipo de tese.

No caso das obras que se dedicam a investigar criticamente o universo literário, o cenário não é diferente. Este é o caso do *Panorama da literatura maranhense* de Mário Meireles (1955), uma importante referência quando o assunto é historiografia literária maranhense. No livro, salta aos olhos a ausência das escritoras. De forma geral, sobre as raras figuras femininas citadas, há, apenas, breves menções com informações mínimas. Por outro lado, diverso é o tratamento dispensado aos literatos. Lançado mais de vinte anos depois, os *Apontamentos de literatura maranhense* de Jomar Moraes (1976) não apresentam nenhuma escritora. No ano seguinte, Jomar Moraes (1977, p. 136) publica uma segunda edição aumentada, onde menciona Maria Firmina, sobre quem declara: “poetisa medíocre e ficcionista desimportante, MFR não tem, mesmo nos limites da literatura maranhense, a significação que recentemente pretenderam atribuir-lhe.”

A inexistência histórica acompanhou essas mulheres após suas mortes. A matéria que citamos, há pouco, é de 1912, porém, passado mais de um século, é fácil perceber que a situação não mudou tanto. Somente há bem pouco tempo, Laura Rosa e Mariana Luz, as primeiras a ingressarem na Acade-

<sup>3</sup> Cumpre destacar que a maranhense Leonete Oliveira é uma das poucas mulheres presentes na coletânea.

mia Maranhense de Letras, começaram a ser resgatadas do esquecimento. Ninguém fala de Papillon Bleu (Ana Oliveira dos Santos), nem de Maria Cristina Azedo Matos. A brilhante Leonete Oliveira que publicou vários livros e ousou escrever vibrantes versos que exalam sensualidade não tem sido objeto de estudo nas universidades. Com efeito, uma rápida busca no meio virtual e em plataformas especializadas, como o Google Acadêmico, pode confirmar esses fatos.

Após uma pesquisa que envolveu o estudo de bibliográfico de obras e artigos e a análise documental baseada na pesquisa hemerográfica de textos jornalísticos, fizemos o levantamento das escritoras maranhenses do século XIX. Elas foram professoras, jornalistas, tradutoras, funcionárias públicas, poetisas, romancistas, cronistas, contistas, enfim, mulheres intelectuais e questionadoras que desempenharam trabalhos em vários setores da sociedade, sem descuidarem das atividades literárias.

É preciso dizer que os estudos de Crisóstomo de Souza (1898-?) e de Clóvis Ramos (1922-2003) foram de fundamental importância para a realização deste trabalho. Ambos desenvolveram pesquisas biobibliográficas sobre autores maranhenses. Crisóstomo de Souza deixou inédito seu manuscrito *Páginas de saudade*, que traz uma contribuição valiosa ao apresentar várias figuras já esquecidas. Clóvis Ramos dedicou várias obras à literatura maranhense, e uma de especial interesse para nós, *As aves que aqui gorjeiam* (1993), que trata das vozes femininas na poesia.

Apresentaremos as escritoras em ordem cronológica. Conforme se perceberá adiante, não localizamos dados substanciais sobre todas as autoras desse período. No caso daquelas em que não é possível saber a data de nascimento, adotamos o momento das

publicações ou outras notícias como critérios de delimitação temporal. Por fim, convém explicar que devido aos limites desse ensaio, não foi possível cobrir todo o século XIX. Em vista disso, trataremos das pioneiras, aquelas nascidas até a década de 60 dos oitocentos.

Com o intuito de colaborar na empreitada de tirar essas escritoras maranhenses do passado do completo esquecimento, optamos por não traçar somente perfis resumidos com dados biográficos e a indicação das obras de cada uma, mas por apresentar também apontamentos, mesmo que breves, sobre a escrita dessas mulheres. Dito isso, deixemos que, agora, elas falem.

## 1. VOZES FEMININAS MARANHENSES

### 1.1 Jesuína Serra

Assinando como J. A. Serra, Jesuína Augusta Serra tornou-se conhecida por seu soneto publicado em *Parnaso Maranhense*, a primeira antologia poética maranhense, datada de 1861. Aliás, ela e Maria Firmina dos Reis são as únicas mulheres que aparecem nessa coletânea. Entre as menções mais antigas à autora, vale ressaltar que ela foi citada por Antônio dos Reis Carvalho (1912, p. 9754) entre os nomes femininos da literatura maranhense.

O soneto publicado no *Parnaso* é a única composição de Jesuína de que se tem conhecimento. Clóvis Ramos (1993;2001) classifica Jesuína Serra como uma autora árcade. Para tanto, ele considera o estilo de sua escrita, isso porque a forma poética do soneto tinha sido abandonada por muitos românticos, logo, este indício o leva a concluir que ela teria sido a primeira poeta a se destacar no Maranhão, sendo, portanto,

de um período anterior a Maria Firmina dos Reis. Sobre o poema, Ramos cita a apreciação de um crítico literário que assina com o pseudônimo Safir, e que Ramos acredita ser Sousândrade<sup>4</sup>:

Um soneto apenas, porém escrito com elegância, bem rimado e bem medido, e o que é mais sem o defeito que escapa aos poucos entendedores da matéria, que é a terminação dos versos em sílabas longas, que os tornam mais eufônicos, e lhes dá maior cunho de perfeição. (Safir *apud* Ramos, 2001, p. 61).

Passemos à leitura do “Soneto”:

De estatura ordinária e corpo cheio,  
A tez pouco morena e descorada,  
Testa nada redonda, antes quadrada,  
Nariz muito comum, porém, não feio;

Os olhos a volver, mas com receio,  
A boca regular, mas engraçada,  
A voz, se bem que meiga, já cansada  
De suplicar em vão o amor alheio;

Dos homens, em geral, pouco gostando  
E capaz por um só de dar a vida,  
Contente os grilhões seus, louca beijando;

Eis Josina, que a sorte fementida,  
Neste mundo cruel, feio e nefando,  
Lançou, para querer, sem ser querida! (Serra  
In: Ramos, 2001, p. 71)

Por sua carga subjetiva, os poemas são, por excelência, veículos de expressão de pensamentos e sentimentos. Alegrias, tristezas, inquietações, revoltas, alumbramentos, tudo “cabe no poema”. Nesse sentido, encontramos, com frequência, em composições poéticas elementos que constam do domínio do espírito, porém, a poesia é também espaço para outros elementos, a algo da ordem do telúrico, do concreto e do corpo. Jesuína é capaz de unir, brilhantemente, essas duas esferas. Explicamos. A primeira estrofe do soneto ocupa-se toda da descrição física

da mulher, que, invertendo a ordem natural, começa pelo corpo, para depois se deter no rosto. Ao contrário de outros poetas que costumam falar da beleza sem igual de suas musas, vemos aqui ser retratada uma pessoa comum, ao que parece, nem feia nem bonita. Vale notar que na primeira estrofe não há um único verbo, o que poderia sugerir uma objetividade na construção desse retrato, todo escrito em terceira pessoa. Porém, ao final dessa primeira quadra, a declaração “porém não feio”, faz cair por terra o pressuposto da objetividade, uma vez insinua uma impressão do eu lírico que adentra no poema.

Na segunda estrofe, são introduzidos os verbos “volver” e “suplicar”, ligados, respectivamente, aos olhos e à voz da moça. Essa introdução dinamiza a descrição, na medida em que instiga o leitor a querer descobrir para onde a moça olha e qual o motivo de seus receios. Nos dois tercetos, o poema muda de direção. Além da moça que está sendo descrita, aparece também um homem não nomeado, misterioso, único capaz de despertar-lhe um tão intenso amor que ela, como louca, sente-se contente por estar aprisionada. Vemos nessas estrofes finais, os elementos do corpo (olhos, testa, boca, voz, nariz) cederem lugar a angústias e questionamentos. Esse processo, contudo, não se dá de forma abrupta, já na segunda estrofe os olhos e a voz surgem carregados de sentimentos.

Sem palavras rebuscadas, mas com uma linguagem simples, o soneto em versos decassílabos apresenta uma musicalidade cativante como já observara Safir. Esse efeito é alcançado pelo uso tanto das tradicionais rimas externas, quanto de rimas internas e aliterações.

Clóvis Ramos (1993, p. 11) afirma que o soneto consiste em uma descrição da pró-

4 Conforme Clóvis Ramos (1993, p. 11).

pria autora, uma espécie de autorretrato poético. Não há como confirmar tal hipótese. Porém, sendo “Josina” um apelido para Jesuína, ou outra moça de sua convivência, ou ainda uma personagem fictícia, para nós, hoje, essa informação não importa tanto. O que importa é que estamos diante de um poema encantador que merece ter seu lugar nas páginas da história.

### 1.2 Ana da Silva Freire

Em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Sacramento Blake (1883, p. 95) comenta que conhece Ana da Silva Freire porque alguns autores presentes na obra *Mosaico brasileiro* mencionam a autora e sua bela elegia “Saudade materna”, dedicada ao filho Egídio que faleceu aos dezoito anos. Blake diz acreditar que a autora viveu durante o século XIX.

O nome de Ana Freire aparece em matérias de jornais cariocas, do início do século XX, que destacavam a participação feminina nas letras. À guisa de exemplo, em artigo para a secção “Letras femininas” do *Gazeta de Notícias* (ano XXXVI, n. 90, 30/03/1912, p. 4), ela é mencionada entre as “mulheres que fizeram e fazem literatura no Maranhão”.

Apesar disso, observamos que no ano de 1928, na breve menção à autora e ao seu “Saudade materna” em artigo intitulado “Prosadoras e poetizas brasileiras” que saiu em outro periódico carioca, o *Jornal do Comércio* (ano 101, n. 258, 28/10/1928, p. 6), Ana já é citada como uma “quase desconhecida nas letras.”

Não localizamos registros com datas e demais informações sobre a vida da autora. No seu *Roteiro Literário do Maranhão*, Clóvis Ramos (2001, p. 44) situa Ana da Silva Freire entre os escritores da fase do Maranhão como colônia portuguesa. Indo em outra direção, acreditamos que ela tenha sido

contemporânea de Adelina Teixeira Mendes e de Maria Firmina dos Reis, ou de um período próximo ao delas, isso porque, em mais de uma ocasião, elas são referidas juntas na imprensa.

### 1.3 Adelina Teixeira Mendes

Filha de José Teixeira Mendes, figura ilustre da cidade de Caxias (MA), e de D. Antonia Teixeira Mendes, seu irmão foi juiz de Direito no Piauí. Acreditamos que a autora tenha morado, por um tempo, em Teresina (PI), isso porque alguns poemas trazem ao lado da assinatura, a inscrição da data e o local, neste caso, a capital piauiense. Fora isso, não encontramos registros com outros dados biográficos da autora.

Adelina é citada no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, por Sacramento Blake (1883, p. 7) que atribui ao sentimento de luto pela morte do pai e de um irmão, a melancolia e a mágoa presentes em seus versos. Do final do século XIX ao início do século XX, é possível encontrar matérias que circularam em periódicos do Maranhão, do Piauí e do Rio de Janeiro mencionando a autora.

Merece atenção uma inusitada nota publicada, em 1901, no *Jornal do Brasil* (ano XI, n. 70, 11/03/1901, p. 1), onde o articulista se queixa do hábito das mulheres de não revelarem a idade. Ele explica que no caso das princesas e das poetisas não é uma grosseria perguntar a data de nascimento, mas uma necessidade que se impõe diante da tarefa de perpetuá-las nas páginas da história. Ao que parece, o autor está preparando um levantamento para uma futura publicação e algumas escritoras se recusaram a passar essa informação. Entre elas, as maranhenses: Adelina e Ana da Silva Freire.

Sobre a autora, outra notícia veiculada na imprensa é digna de menção. Estamos falando de um texto que saiu em 1914, na

revista carioca *A Faceira* (ano IV, n. 36, set/out 1914, p. 6), intitulado “Poetizas brasileiras”, de autoria de Carmen Unzer. Ao destacar a inteligência feminina e os talentos que surgem por todo o Brasil, a autora diz que o Maranhão tem boas poetisas, são elas: Anna da Silva Freire, Maria Firmina dos Reis e Adelina Teixeira Mendes, “cujos versos transparecem magua e melancolia, sobretudo naqueles denominados ‘A beira-mar’”.

Até onde sabemos, ela não chegou a publicar um livro, só poemas esparsos em jornais. Desses raros materiais que sobreviveram, transcrevemos as duas primeiras estrofes do poema “Saudade”:

Saudade, oh bela flor! vem ao meu leito!  
Vem debruçar-te sobre um triste peito,  
Curvado pela dor!  
Vem duras mágoas partilhar comigo,  
Quero ofertar-te um coração amigo,  
Repleto de amargor!

És a minha predileta, oh flor mimosa!  
Por ti eu deixo a mais fragrante rosa,  
O mais belo jasmim!  
Tu tens a cor sombria da tristeza,  
Mas a todas suplantas na beleza  
No mais vasto jardim!

Publicado, em 1878, no jornal *A Imprensa* (ano XIII, n. 533, 28/02/1878, p. 3), o texto apresenta seis estrofes de seis versos cada. Nele, é interessante observar as ideias conflitantes que, logo de início, se estabelecem. Vejamos. O eu lírico se dirige à Saudade e com ela dialoga. Elevado ao *status* de uma persona poética, o sentimento é transmutado em uma flor mimosa e bela, por quem o eu lírico abandonaria todas as demais. Porém, como pode ser tudo isso uma flor cuja cor é descrita como “sombria de tristeza”? Ademais, após um chamamento inicial e insistente (na primeira estrofe, aparece, três vezes, a forma verbal no modo imperativo: “vem”), descobrimos que a Saudade chega

para partilhar mágoas com um coração amigo e amargo. A identificação se estabelece entre o eu lírico e a Saudade: eles têm em comum um sofrimento mortificante que, em uma visada de espiritualidade cristã, depura a alma das paixões mundanas e conduz os corações a Deus.

#### 1.4 Maria Firmina dos Reis

Nasceu em 11 de outubro de 1825, em São Luís (MA). Filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis, era prima do escritor maranhense Francisco Sotero dos Reis. Aprovada em concurso, foi professora de primeiras letras da vila de Guimarães (MA), no período de 1847 a 1881. Em 1880, criou uma escola mista, em Maçaricó, onde oferecia aulas gratuitas a quem não podia pagar.

Firmina participou ativamente da vida intelectual maranhense, colaborou em importantes jornais de sua época. A imprensa, inclusive, foi um veículo por meio do qual alguns de seus textos chegaram ao público. Em 1861, a antologia poética *Parnaso maranhense* traz dois poemas de Firmina. Aliás, ela e Jesuína Serra são as únicas mulheres que têm textos acolhidos nessa obra. Já na coletânea *Sonetos Maranhenses* (1923, p. 6), os organizadores lamentam o fato da autora ter ficado de fora por não ter composições em sonetos.

Foi compositora e ativista pelo fim da escravidão. É de sua lavra o *Hino da Abolição dos Escravos*. Autora de *Úrsula* (1859), o primeiro romance abolicionista de autoria feminina da língua portuguesa, ela publicou, em 1861, *Gupeva*, narrativa de temática indianista. O livro de poesia *Cantos a Beira-Mar* foi publicado no ano de 1871. Em 1887, lançou o conto abolicionista *A escrava*.

Maria Firmina dos Reis morreu, cega e pobre, aos 92 anos, em 11 de novembro de 1917 na vila de Guimarães (MA).

Como sabemos, já ficou para trás o tempo em que o nome de Maria Firmina dos Reis orbitava no limbo, a autora já conquistou seu merecido lugar na história da literatura brasileira. Destarte, pouco poderíamos acrescentar sobre a trajetória de Firmina e sobre sua produção em prosa, que já conta com uma robusta fortuna crítica. Sobre sua lírica, enfeixada em *Cantos à beira-mar*, observamos que, embora tenha sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, é uma obra que ainda apresenta veios a serem explorados pela crítica.

Reconhecidamente uma autora romântica, Firmina vaza em sua poesia os preceitos dessa estética, especialmente no que tange à valorização do que é local, seja a paisagem, sejam as personagens que figuram nos versos. Desdobra-se daí que a orla de Cumã, localidade do município de Guimarães, onde a autora viveu durante a maior parte da vida, ocupa um lugar de destaque nessa escrita. Como outra faceta do projeto romântico de afirmação nacional, o indianismo, que tem em Gonçalves Dias seu maior representante, também vibra na poesia firminiana. Fora esses aspectos bastante marcantes, o recurso da intertextualidade é também acionado pela autora, como vemos no poema “A uma amiga”, do qual trataremos. Nele, Firmina inclui seu nome na vasta tradição de poetas que dialogam com o conhecido fragmento 31 de Safo.

Célebre poeta grega da Antiguidade, Safo era natural da ilha de Lesbos. A maioria de seus poemas se perdeu ao longo do tempo, sendo o fragmento 31 um dos poucos que sobreviverem em uma forma quase completa. Sem dúvidas, uma das mais belas manifestações do sentimento amoroso da literatura ocidental, esse poema veio a encontrar, séculos depois, na tradução para o latim modulada por Catulo uma bem-sucedida

continuação. Isso porque, estando perdida a parte final do poema grego, Catulo insere em sua versão uma estrofe a mais, como arremate da composição.

Caio Valério Catulo viveu no século I (a.C) e foi um dos maiores poetas da Roma antiga. Seu famosíssimo poema de número 51 tem como base o fragmento 31 e é um ícone da expressão literária do desejo:

Ele parece-me semelhante a um deus,  
ele, se tal é lícito, parece-me superar os deuses,  
esse que se senta perante ti e que continuamente  
contempla e escuta

teu doce riso, o que a mim infeliz  
arrebata todos os sentidos: pois no momento,  
Lésbia, em que te olho, nada resta  
da voz na minha boca,

mas fica-me a língua dormente, cortante pelos membros  
uma chama desce, com um som intenso  
zunem os ouvidos, toldam-se as gêmeas  
vistas da noite.

O ócio, Catulo, é-te prejudicial:  
por causa do ócio exultas e em demasia te excitas.

O ócio já outrora reis e prósperas  
cidades perdeu. (Catulo, 2012, p. 79)

Vale destacar alguns dos elementos que fazem desse poema um monumento do lirismo amoroso: 1) um desconcertante triângulo amoroso composto por um eu que fala e observa de longe um casal de enamorados; 2) O homem “semelhante a um deus”, não por ele mesmo, mas pelo fato de desfrutar da proximidade da moça; 3) a sintomatologia amorosa, tópica que manifesta as reações físicas que acometem o amante ao fitar seu amado; 4) o sentimento de ciúme que se insinua; 5) por fim, o lamento da parte final que inexistente em Safo. Ao ver insatisfeito seu amor por Lésbia, Catulo dá-se conta que se entregou ao ócio e à sua paixão, deixando de



lado afazeres que lhe seriam mais produtivos, como a política.

Antes de passarmos ao texto de Firmina, algumas considerações se fazem necessárias. Referimo-nos à questão da circulação desses textos no Brasil. Em trabalho que trata da recepção de Safo, Giuliana Ragusa (2022) assevera que, no século XIX, os intelectuais brasileiros já conheciam tanto a obra da poeta grega quanto a do latino Catulo. Ao investigar notícias de jornais fluminenses, Ragusa (2022) demonstra que, na década de 40 dos oitocentos, já se falava nos dois poetas, afirmando que “pulsa viva na poesia brasileira” o diálogo com a produção de Safo, “seja pelo eco de seus elementos, seja pelas traduções mais diretas ou indiretas”, o que se nota em alguns românticos, inclusive, na lírica do maranhense Gonçalves Dias (Ragusa, 2022, p. 100-101). Isso é relevante para que percebamos que Maria Firmina, provavelmente, conheceu o fragmento 31, mesmo que por traduções indiretas ou a partir da recriação executada por Catulo, o que é o mais provável.

Feitos esses esclarecimentos, transcrevemos abaixo trechos de “A uma amiga”:

Eu a vi – gentil mimosa,  
Os lábios da cor da rosa,  
A voz um hino de amor!  
Eu a vi, lânguida, e bela;  
E ele a rever-se nela:  
Ele colibri – ela flor.

Tinha a face reclinada  
Sobre a débil mão nevada;  
Era a flor à beira-rio.  
A voz meiga, a voz fluente,  
Era um arrulo cadente,  
Era um vago murmúrio.

[...]

Eu vi – o seio lhe arfava:  
E ela... ela cismava,  
Cismava no que lhe ouvia;  
Não sei que frase era aquela:

Só ele falava a ela,  
Só ela a frase entendia.

Eu tive tantos ciúmes!...  
Teria dos próprios numes,  
Se lhe falassem de amor.  
Porque, querê-la – só eu.  
Mas ela! – A outro ela deu  
Meigo riso encantador...  
Ela esqueceu-se de mim  
Por ele... por ele enfim. (Reis, 2019, p. 312-313)

Em Firmina, permanece um ponto crucial desse poema, o triângulo amoroso, como em Safo e Catulo, temos aqui, logo no início do texto, sendo apresentadas as três personas poéticas: o eu que enuncia a visão da cena do casal apaixonado. O olhar ganha destaque, pois desencadeia toda sorte de sentimentos: amor, desejo e ciúmes. Notemos que entre os amantes o olhar sinaliza a proximidade, uma vez que o homem se vê nos olhos dela (“E ele a rever-se nela”).

Sendo a composição firminiana bem mais extensa, observamos que a autora se detém mais longamente na descrição da figura feminina sobre quem o eu lírico fixa a atenção, para em seguida retornar à dupla que se fala entre sussurros, ele falava e só ela ouvia. O entrosamento e cumplicidade entre eles é a causa direta do sofrimento de quem os vê. Convém destacar que para narrar essa conversa que deixa a moça tão agitada, Firmina recorre a repetições e pausas (“E ela... ela cismava, / Cismava”) que mimetizam a respiração entrecortada da jovem.

Vendo frustrado o desejo de possuir a amada somente para si, o eu se entrega ao ciúme que constitui o eixo central da última estrofe. A força desse sentimento é tamanha que se manifesta, inclusive, na forma do poema, isto é, a última estrofe contém oito versos, logo, maior que as demais, de seis versos. Firmina não apresenta, de forma ex-

plícita, o motivo da sintomatologia amorosa, mas constrói plenamente a expressão de um ciúme fulminante. Assim, observamos que a autora dialoga criativamente com a poesia clássica, na medida em que tece rasuras no texto base, deixando sua marca nessa longa tradição.

### 1.5 Eponina Condurú

Eponina de Oliveira Condurú Serra nasceu em 25 de janeiro de 1842, em São Luís. Filha do Professor Felipe Benício de Oliveira Condurú e de Carolina Paula de Sousa, casou-se, em 1873, com Astolfo Henriques Serra. Ela morou e trabalhou na cidade maranhense de São Vicente de Ferrer. Ficou viúva em 1896 e morreu, em São Luís, em 06 de fevereiro de 1931, com quase noventa anos.

Dom Felipe Condurú, na obra *Pai e mestre*, biografia de seu progenitor Benício Condurú, resgata a memória de seus antepassados e nos revela traços da personalidade e da vida de Eponina Condurú, sua tia. “Franca no seu pensar e sentir, vimo-la tanta vez, destemerosa e ativa, manifestar os seus pensamentos e sentimentos, sem cogitar sequer dos homens e dos tempos” (Condurú, 2004, p. 108).

Mulher caridosa e solidária, envolvia-se em causas sociais e em várias sociedades beneficentes, como aquela que apoiou as famílias dos militares envolvidos na guerra do Paraguai. Em 1869, atuava pela causa abolicionista junto à Sociedade Beneficente Manumissora que exigia a libertação indistinta e total dos escravos. (Condurú, 2004, p. 109).

Eponina trabalhou como professora primária no magistério particular por longos anos. Foi a autora do *Livro de Nina*, livro de instrução publicado em 1883 e que, a partir de 1885, passou a ser utilizado como mate-

rial para uso escolar<sup>5</sup> no Maranhão. Em sua tese de doutoramento, a professora Jeane Melo (2023, p. 369) comenta que a obra alcançou grande sucesso, chegando a quatro reimpressões e que, em 1898, foi também oficialmente adotada como manual de leitura no estado do Pará. Infelizmente, esse livro está perdido, mas o relato de Condurú (2004, p. 129) nos permite saber que era uma obra para crianças que continha “princípios rudimentares de geografia, de história, meteorologia, história natural [...] poesias bem feitas e instrutivas, a ideia religiosa bem concebida e explicada, sem ofensa a credo algum.”

Reconhecida como mestra, Eponina foi além. Ela quebrou o paradigma de sua época, marcando presença na imprensa com textos jornalísticos. Segundo Sebastião Jorge (2008, p. 356-357), ela foi “sem dúvida, pioneira no jornalismo local, e, isto, pela iniciativa, qualidade dos textos e os gêneros explorados: opinião e informação.” O autor situa Eponina nos “primórdios da reportagem” e se diz impressionado com o relato por meio do qual ela registra a morte do esposo. Esse texto não chegou a ser publicado na época, mas aparece no livro de seu sobrinho. Sobre essa narrativa, Sebastião Jorge diz tratar-se de “uma espécie de realismo literário” (JORGE, 2008, p. 357-358). Eponina traz de forma sucinta, embora rica em detalhes, os momentos agonizantes da morte do esposo, a descrição não os apresenta de forma objetiva, ao contrário, revela-se carregada de subjetividade e permeada de notas líricas:

Vimo-lo ficar como sufocado. Ergueu-se e tornou a sentar-se. Corremos todos, amparamo-lo. Fez-se lhe violeta o rosto, depois lívido. A cabeça pendeu sobre o peito [...] Ah! Que cena inolvidável! Que transe angustia-

5 O Paiz (Ano XXIII, n. 437, 18/12/1885, p. 2).

do! – De lá para cá – quantas recordações dolorosas a confranger-me o coração, a dilacerar-me a alma! (Condurú In: Condurú, 2004, p.124)

Os textos que a autora escrevia para jornais apresentavam temáticas versáteis e foram publicados, inclusive, em Belém e São Paulo. Seu sobrinho, Condurú (2004, p. 113) lembra que “os numerosos artigos de palpitante atualidade, as críticas literárias, os graciosos contos e as cuidadas poesias transcritos na imprensa [...] constituem prova irrefutável” da cultura, da erudição e da facilidade de escrever de Eponina.

Afiada em suas opiniões, em matéria para o *Diário do Maranhão* (ano XXI, n. 5123, 04/10/1890, p. 2), Eponina critica os concursos de beleza, uma “moda importada do estrangeiro”, que agrada aos rapazes e segrega as moças sem considerar suas virtudes, em uma prática que, tão somente, enaltece a vaidade e a futilidade. É também para o mesmo periódico que a professora escreve em defesa dos direitos das mulheres, que iam, pouco a pouco, granjeando mais posições no espaço social. Referimo-nos à matéria de que falamos no início desse texto, onde a voz de Eponina faz coro àquelas que lutam pela garantia dos postos de trabalho femininos e por uma educação mais efetiva para as meninas.

Acerca do labor literário, Condurú (2004, p. 113-114) afirma que, em 1861, circulava em São Luís um “jornalzinho manuscrito” – *Bogarim* – onde ela, com apenas dezenove anos já colaborava com poemas e charadas em versos. Em *As aves que aqui gorjeiam*, apesar de não apresentar detidamente Eponina e suas composições, Clóvis Ramos (1993, p. 16) faz referência a ela, na medida em que a inclui no rol das poetisas românticas maranhenses, comentando que ela era jornalista e cronista.

Como contista, sabemos que escreveu *Jaime e Rosita*, uma história de amor ao estilo de *Romeu e Julieta*. Os poucos trechos que chegaram até nós por meio de Condurú (2004, p. 120-121) desvelam uma escrita singela e cativante:

Rosita avista uma fruta no ramo de uma árvore e deseja possuí-la. Ei-lo (Jaime), pronto e ligeiro como um esquilo entre os galhos da axixá, para colher a rubra fruta que atrai as vistas da menina. [...]

Por três vezes a laranjeira alastrou o chão com um alvo lençol de odoríferas flores; por três vezes o cajueiro se cobriu também de flores brancas como a neve e o soberbo pau d’arco ostentou-se ufano, com o mais lindo amarelo.

– E o adolescente fazia-se moço.

– E o botão começava a desabrochar e a mudar-se em lindíssima rosa; a crisálida transformava-se em borboleta; a menina, enfim, fazia-se uma encantadora moça.

Ocupando papel central no encontro inicial dos protagonistas, está a axixá, árvore típica de regiões amazônicas. O objeto de desejo da moça é o fruto da árvore, que o rapaz, astutamente, rouba para atrair-lhe a atenção. Esse fruto que se esconde dentro de uma casca dura e espinhosa, quando maduro apresenta uma cor vermelha e guarda em seu interior uma semente comestível. Tanto a cor rubra, que tradicionalmente simboliza a paixão, quanto o aspecto duro e difícil da cápsula protetora do fruto, que remete aos percalços a serem enfrentados pelos amantes, são elementos significativos na constituição da atmosfera da narrativa. Outro dado é digno de nota, a escolha das árvores. A axixá, como dissemos, é típica da Amazônia. Nesse ponto, não é demais lembrar que a floresta amazônica ocupa parte considerável do território maranhense e que, inclusive, existe no Maranhão um município nomeado Axixá

em decorrência da presença dessa vegetação na região. As demais plantas que aparecem no conto – laranjeira, cajueiro e pau d’arco (ipê amarelo) – são também árvores facilmente encontradas no Maranhão, portanto, estamos falando de elementos da paisagem que não são estranhos ao cotidiano da autora. Isso é relevante quando pensamos na estética romântica que se impôs no Brasil, procurando, dentre outras coisas, valorizar a cor local. Nesse sentido, concordamos com Clóvis Ramos (1993, p. 16) que considera Eponina uma das escritoras românticas maranhenses, uma vez que esse pequeno fragmento de *Jaime e Rosita* nos dá testemunho disso, na medida em que a autora dá preferência aos elementos do seu entorno e, assim, confere um caráter mais regional à sua narrativa.

### 1.6 Apolônia Pinto

Filha de artistas, Apolônia Pinto nasceu em um camarim do Teatro Artur Azevedo, em São Luís (MA), no dia 21/06/1854. Tendo se tornado em atriz famosa, ela também atuou como empresária e foi dona de companhias de teatro. No decorrer de sua carreira, excursionou pelo Brasil, por outros países da América do Sul, indo também a Portugal. Sempre aclamada por onde passava, ela gozou de grande popularidade. Seu biógrafo, Justo Jansen (1953, p. 150) declara que ela era uma artista completa, versátil e talentosa tanto no drama quanto na comédia. Tendo feito enorme sucesso na juventude, destacava-se igualmente na velhice, mesmo estando surda. O conhecimento adquirido em uma vida dedicada ao teatro, somado à sua sensibilidade artística, levavam Apolônia a colaborar com os autores na composição de personagens (Jansen, 1953, p. 77).

Passando seus últimos dias no Retiro dos Artistas, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, Apolônia Pinto faleceu em 24 de novembro

de 1937, aos 83 anos de idade. Anos depois, seus restos mortais foram trazidos para São Luís e guardados no Teatro Arthur Azevedo, onde há um memorial.

A festejada atriz maranhense, contudo, tem uma faceta de que pouco se fala: a de poeta. A esse respeito, Crisóstomo de Souza (s/d, p. 88-89) ajuíza: “A artista [era] tão grande quanto gloriosa, em que se apaga a poetisa.” Musa inspiradora de muitos poemas, Alberto de Oliveira e tantos outros compuseram textos em sua homenagem, ela também vazava em versos seus pensamentos e sentimentos, tendo tido poemas de sua autoria publicados na imprensa da época.

Quanto à elaboração de um livro, Clóvis Ramos (1993, p. 19) afirma que ela escreveu um volume, intitulado *Velário*, que teria sido organizado pelo jornalista e poeta Guimarães Martins, mas que está perdido.

Na contramão de Gonçalves Dias, ela canta a saudade de Portugal. Vejamos esses belos trechos de “Saudade”:

Que dor! Que saudade sinto  
desses montes sem rival,  
ouvindo o canto indistinto  
que me fala em Portugal!  
[...]

Saudades matam-me cheias  
Dessa amargura fatal  
Que me relembra as areias  
Das praias de Portugal.

E sonho, e vejo as montanhas  
Onde a neve estende o véu,  
Sorvendo as gotas estranhas  
Do orvalho que vem do céu. (Pinto In: Souza, s/d, p. 89-91)

Já nas trovas abaixo, Apolônia igualmente canta saudades, mas, dessa vez, de sua terra natal:

Se louros tivesse um dia  
por estes papéis que fiz,  
mandá-los-ei com meus beijos  
ao povo de São Luís.

Palmeira, verde palmeira,  
que tanta beleza encerra,  
parece dizer-me ao longe  
quanto é doce minha terra.

Maranhão, meu solo amado,  
que regam águas do Anil,  
serás em todos os séculos  
— o coração do Brasil. (Pinto In: Ramos,  
1993, p. 19)

### 1.7 Maria Cristina Azedo Matos

Filha do fazendeiro Manoel José Alves Azedo e de Ana F. de Oliveira Azedo, Maria Cristina Alves de Oliveira Azedo Matos nasceu em uma família abastada da região do Alto-Mearim. Segundo Crisóstomo de Souza (s/d, p. 113), ela “foi, sem dúvida, uma das primeiras poetisas a surgir no cenário literário maranhense.” Maria Cristina foi casada com o magistrado José João de Matos Júnior. Eles tiveram vários filhos, mas vivenciaram a dor de perder o filho Edgard, a quem a autora dedica poemas cheios de saudades. Aura Matos, uma das filhas do casal, também se dedicou às letras.

Mário Meireles (1955, p. 134) inclui a escritora no ciclo da literatura maranhense que classifica como o período do Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo, de 1868 a 1894. Sobre ela, Meireles diz muito pouco: que nasceu em São Luís, em 1855 e que faleceu em 1899, no ano da publicação de *Amor e desventuras*. Contudo, outras fontes revelam que essa data da morte está equivocada. Durante, pelo menos, as duas primeiras décadas do século XX, várias notícias veiculadas na imprensa demonstram que ela estava viva, que continuava compondo, e que teria publicado seu segundo livro, em 1924. No ano de 1927, ainda é possível encontrar produções da autora sendo divulgadas em jornais maranhenses. Este é o caso de “A Conceição de Maria Castro Gomes” que saiu na *Pacotilha* (ano XLVII, n. 42, 19/02/1927, p. 4).

Maria Cristina teve poemas publicados na *Pacotilha*, no *Diário do Maranhão*, no periódico da Oficina dos Novos, do Centro Caixeiral, entre outros. Costumava assinar suas produções como Maria Azedo Mattos. A pesquisa nos jornais revelou que ela, à exemplo de outras escritoras dos oitocentos, esteve envolvida com agremiações literárias. A esse respeito, cumpre mencionar que o *Diário do Maranhão* (ano XXXIII, n. 8797, 08/12/1902, p. 2) informa sobre a fundação de uma nova sociedade literária, intitulada “Nova Athenas”, da qual faziam parte as seguintes mulheres: Maria Cristina, Laura Rosa, Maria da Glória Parga Nina, Genésia Santos, Hermíndia Soares, Maria A. Vieira dos Reis, Filomena Castro e Blandina Santos.

Ela se juntou aos membros da Oficina dos Novos no empreendimento de erigir um busto em homenagem a Odorico Mendes, estando à frente da arrecadação de fundos para este fim. A autora chegou a publicar, no jornal *Os Novos* (ano II, n. 1, abr/1902, p. 6), o poema “Apelo” que procurava sensibilizar apoiadoras para a causa.

Maria Cristina é uma das poucas escritoras mencionadas por Antonio dos Reis Carvalho (1912, p. 9754), em seu ensaio sobre a literatura maranhense. Ela é lembrada por Fran Pacheco no volume que ele estava preparando sobre as “Figuras Maranhenses”. Matéria que circulou no jornal carioca *Gazeta de notícias* (ano XXXVI, n. 90, 30/03/1912, p. 4), falando sobre as letras femininas no Maranhão, cita a autora. Em artigo escrito para a revista curitibana *A Sempre-Viva* (ano I, n. 12, 15/04/1925, p. 2), Maria Julia Avelino Leite fala com entusiasmo sobre a poeta. Maria Cristina está incluída na antologia *Sonetos Maranhenses* (1923). Tudo isso serve de mostra acerca da repercussão que alcançou seu nome. Contudo, como no caso de tantas mulheres, o que

existe hoje sobre a escritora é um absoluto silêncio.

Maria Cristina publicou seu primeiro livro *Amor e desventuras*, em São Luís, no ano de 1899. A longa composição “Meus versos” funciona como uma síntese de seu projeto estético. Os fragmentos abaixo falam por si:

Meus versos são como a noite,  
 Pelo dia a suspirar,  
 São como a vaga queixosa  
 Que vem na praia chorar.  
 [...]  
 Meus versos são como a flama  
 De uma luz que se apagou,  
 [...]  
 São como o pranto sentido  
 [...]  
 São como o dobre do sino,  
 Pelo morto a soluçar  
 [...]  
 São como a árvore despida  
 Da verde coma que tinha,  
 São como o fruto mirrado,  
 Como a flor que definha.  
 Meus versos são como o grito  
 Que o eco não respondeu,  
 São como a canção do bardo  
 Que no espaço se perdeu.  
 [...] (Matos, 1899, p. 8-10)

No ano de 1924, sai, na *Pacotilha* (ano XLIII, n. 237, 06/10/1924, p. 4), o anúncio da publicação do segundo livro dela: *Flores incultas*, que foi publicado em São Luís pela Tipografia Chaves e Companhia.

### 1.8 Papillon Bleu

Ana Oliveira dos Santos, também conhecida por Anicota Santos, assinava como Papillon Bleu, que significa Borboleta Azul. Quase nada há de registros sobre a vida da autora. Crisóstomo de Souza (s/d, p. 85) chega a comentar que não encontrou dados biográficos e sabe informar, apenas, que ela pertenceu à alta sociedade ludovicense e que publicou seu livro *Acordes* (1899),

ainda bem nova. Mário Meireles (1955, p. 160) a situa no ciclo de 1868 a 1894, que classifica como o período do Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo. Clóvis Ramos (1993, p. 167) afirma que ela teria falecido ainda jovem. Ramos (1993, p. 21) revela que Ana Oliveira é mencionada por José Ribeiro de Sá Vale, o organizador da *Antologia Maranhense*, na obra *Maranhão intelectual e artístico* e por Adalgisa Bittencourt no volume 2 do *Dicionário biobibliográfico das mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Infelizmente, essas duas obras não foram localizadas.

Poeta, contista e cronista, ela conviveu com os intelectuais de sua época, gozando do reconhecimento do seu trabalho. Teve trabalhos publicados em antologias importantes, como os *Sonetos Maranhenses* (1923) e na coletânea de textos natalinos que saiu anos depois, *Esperando a missa do Galo* (1973).

Na imprensa, Papillon Bleu foi presença constante. A pesquisa de textos jornalísticos revela que, de 1890 a 1900, ela colaborou ativamente na *Revista Elegante*, com a publicação de vários poemas e crônicas. Naqueles anos finais do século XIX, é muito fácil encontrar, nos periódicos maranhenses, como o *Diário do Maranhão* e a *Pacotilha*, composições em poesia e em prosa da autora, além de notícias a seu respeito. A revista feminina pernambucana, *O Lyrio*, acolheu produções poéticas de Papillon Bleu, que também encontrou espaço para seus textos na imprensa carioca. Nesse ponto, podemos citar o *Jornal das Moças* (ano IV, n. 106, 28/06/1917, p. 24) que veicula o poema “Três anos”, *Puritano* (ano XV, n. 707, 03/07/1913, p. 6) que divulga “Vitória do crente” e *Luz e Sombra* (ano I, n. 4, Janeiro/1920, p. 9) com a publicação de “Ao saudoso Hilder de Souza.” Em uma notícia sobre os escritores maranhenses

ses, que saiu no *Jornal do Comércio* (ano I, n. 291, 30/11/1904, p. 2), de Manaus, a autora também é mencionada.

Em matéria do *Diário do Maranhão* (ano XXXI, n. 7953, 05/03/1900, p. 3), tomamos conhecimento de sua participação, ao lado de Maria Cristina Azedo Matos, na revista do Centro Caixeiral, instituição que reunia jovens entusiasmados com a ideia de uma regeneração cultural maranhense. Naquela altura, ano de 1900, as duas já são citadas como conhecidas poetisas. Esse é um dos indícios do envolvimento de Ana Oliveira dos Santos na agitação cultural que tomou conta de São Luís, naquele período finissecular. Breve notícia da *Pacotilha* (ano XXII, n. 284, 29/11/1902, p. 1) confirma sua participação em agremiações literárias, ao informar que andava animado o movimento pela fundação de uma Sociedade de Letras e que faziam parte, dentre outros: Anicota Santos (Papillon Bleu), Joaquina Lima, Filomena P. de Almeida, Hermíndia Soares. Todo esse levantamento serve para demonstrar que Ana Oliveira tinha um certo prestígio dentre e fora do Maranhão.

O único livro que a autora deixou foi *Acordes*, publicado pela tipografia a vapor da Alfaiataria Teixeira, em São Luís, no ano de 1899, com prefácio de Manuel de Bittencourt. O prefaciador afirma que Ana Oliveira constrói imagens vigorosas e coloridas, o que se confirma na leitura dos poemas. Bittencourt (1899, p. IV) faz ainda um comentário que merece ser mencionado, a saber, ele critica o fato da autora se esconder atrás do pseudônimo, apesar de compreender que Ana Oliveira toma essa atitude, provavelmente, em virtude das críticas severas que ela vinha sofrendo e que procuravam esmiuçar os defeitos de seus versos.

Ao folhear as páginas de *Acordes*, chama a atenção a variedade formal dos poemas.

Embora prevaleça o metro curto, e salte aos olhos a preferência pelas cantantes estrofes de quatro versos, ainda assim, a autora demonstra plasticidade e criatividade. Este é o caso do poema “Barcarola”, cujo título remete a uma dupla referência: um termo musical e o elemento marinho. Barcarola refere tanto a canções entoadas pelos gondoleiros venezianos, quanto a cantigas trovadorescas que apresentam temas relacionados ao mar ou a rios. Dito isso, o poema de Ana Oliveira entrega o que promete, pois consiste em uma breve canção que dialoga com o motivo clássico da metáfora náutica, que ocorre quando o poeta compara a composição de uma obra, a vida ou mesmo a aventura amorosa com uma viagem marítima, normalmente perigosa e cheia de percalços. Vejamos:

É linda a noite,  
Grato o luar..  
O mar nos chama,  
Vamos ao mar.

Impunha os remos,  
Bom marinheiro,  
Teu barco é ágil,  
Forte e veleiro.

Vamos nas ondas  
De verde cor,  
Ouvir dos peixes  
Trovas de amor.  
[...] (Bleu, 1899, p. 23)

Na composição, é fácil perceber a musicalidade que vai sendo construída através das rimas externas e internas, das aliterações e das repetições de quadras, ao modo de refrãos. Porém, o mais interessante, a nosso ver, é a forma como as quadras são distribuídas, isto é, a disposição das estrofes explora o espaço da página e, dessa maneira, mimetiza o movimento de ir e vir das ondas.

Afeita a descrições de paisagens de aspectos bucólicos, a poesia de Papillon Bleu

é solar. Nela, são as sorridentes auroras, e não os angustiantes crepúsculos que tanto seduzem os simbolistas, que ocupam um lugar central.

### 1.9 Carlota Carvalho

Professora, jornalista, historiadora e escritora, Carlota Olympia de Carvalho nasceu por volta do ano de 1864. Ela era irmã do jornalista João Parsondas de Carvalho. Em sua tese de doutoramento, Regina Célia Costa Lima (2021, p. 23) explica que não há consenso entre os historiadores acerca do local de nascimento da autora, alguns apontam Grajaú (MA), enquanto outros defendem que ela teria nascido em Riachão (MA). Carlota Carvalho ensinava gramática, geografia e história do Brasil. Seu trabalho como professora de primeiras letras a levou a desbravar os lugares mais recônditos do sertão, o que resultou em um profundo conhecimento daquela realidade geográfica e social.

Participando ativamente da imprensa, ela escrevia artigos jornalísticos, sempre com forte teor de crítica, e chegou a ter uma coluna no *Diário de São Luiz*. Envolvida com a elite intelectual de sua época, ela foi sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, tendo sido a única mulher que fazia parte do grupo de fundadores da instituição. A escritora morreu na pobreza, em 1948, na localidade Bacuri, situada em Grajaú (MA).

Mulher de opiniões firmes, ela ficou conhecida como uma polemista (Ramos, 1973, p. 21). Nas poucas informações a seu respeito que constam na *Antologia Maranhense*, vemos: “maranhense illustre, para dizer do seu alto merecimento basta este trecho. O sábio alemão Barão Von Paumgardt, com quem D. Carlota Carvalho travara interessantíssima polêmica, escreveu: ‘É brasilei-

ra de maior cultura intelectual’” (Sá Valle, 1937, p. 83). Carlota usava o espaço do jornal para tratar de temas espinhosos, como o trabalho em regime de escravidão e para abordar a questão feminina, sempre tratando de “temas cruciais na vida das mulheres, como as relações conjugais, a educação e o trabalho” (Silva, Lima, 2023).

Ela publicou, em 1924, no Rio de Janeiro, a obra *O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil*, que consiste em um estudo antropológico, histórico e geográfico de região que cobre não somente o Maranhão, mas também partes do Pará, do Tocantins, do Amapá e da região do rio Parnaíba. Esta obra goza de prestígio entre os especialistas e é uma referência importante quando o assunto é o sertão maranhense do século XIX e início do século XX. Sobre o livro, Diomar Motta (2008, p. 130) tece as seguintes considerações:

Foi resultante de sua inquietação acerca dos compêndios didáticos de sua época, com distorções geográficas e históricas, as quais considerava seríssimas e prejudiciais à formação do educando. Também contestou a visão de sertão de Euclides da Cunha e as informações do IBGE, que subsidiavam as obras didáticas. Esta obra só se tornou conhecida no Maranhão 76 anos depois, por ocasião de sua reedição.

Ainda sobre *O Sertão*, Olívia Cormineiro (2013, p. 2) destaca também que nele, “Carlota Carvalho procura construir a ideia de um sertão relativamente culto, que romperia com as concepções desses espaços como um lugar pitoresco.” Com efeito, o trecho abaixo demonstra como ela dava relevo à construção de uma imagem das cidades do interior maranhense como lugares de pessoas cultas. Ademais, nessa breve descrição, chama a atenção o fato dela igualar homens e mulheres:



Atualmente Carolina é uma das mais importantes cidades do Estado do Maranhão. É no Maranhão o centro da maior cultura intelectual, é o lugar em que os homens “estudam e aprendem só pelo gosto do saber”, como na antiga Hélade, e não por especulação industrial. Aí, o amor às letras e ao útil desenvolvimento do raciocínio é comum a ambos os sexos. A par de homens ilustrados, mulheres brilham pela inteligência e não raro sabem usar da palavra em reuniões públicas. (Carvalho, 1924, p. 51).

Apesar da trajetória admirável, Carlota Carvalho não escapou das malhas do machismo de uma sociedade patriarcal que reunia esforços para afirmar a superioridade do homem em relação à mulher. Nesse ponto, convém mencionar os debates que surgiram sobre a autoria de *O Sertão*. Em seu *Panorama da Literatura*, ao falar de Parsondas Carvalho, irmão da autora, Meireles (1955, p. 174) o enaltece como um autodidata de “espírito brilhante”, e revela que muitas pessoas atribuíram a ele a composição do livro da irmã. Acerca da negação da autoria, à guisa de exemplo podemos citar a longa matéria intitulada “O Sertão e o seu verdadeiro autor”, assinada por Antenor Viana e divulgada no *Diário de São Luiz* (ano IV, n. 1137, 17/10/1948, p. 8). No texto, o articulista toma para si a tarefa de elucidar o que considera um sério equívoco sobre o livro e argumenta:

Carlota Carvalho, analfabeta na verdadeira acepção do termo, não poderia nunca escrever uma obra desse cunho e nem dissimular o mal que lhe fizera seu irmão, autor legítimo do livro em alusão, em lhe querer dar a glória falsa de autora dessa obra tão importante.

Nesse gesto, fica patente que imperava um pensamento, segundo o qual uma mulher seria incapaz de produzir uma obra de alta qualidade. Nesse sentido, era preferível roubar os méritos da mulher e construir hi-

póteses fantasiosas como esta. É evidente que a polêmica acerca a autoria de *O Sertão* ficou para a história como um episódio que só serve para demonstrar o preconceito contra as mulheres que escreviam.

A relevância incontestável de *O Sertão* não deve apagar o fato de Carlota ter escrito outras obras. Notícia veiculada no *Diário de São Luiz* (ano IV, n. 204, 14/09/1924, p. 2) informa que ela é autora também de mais dois livros: *Factos e Contos* e de *Cosmogonia*. Não localizamos mais informações sobre *Cosmogonia*. Já *Factos e Contos* ganhou bastante destaque na época, havendo, inclusive, vários trechos publicados em jornais. É um livro que, como o título sugere, está carregado de memórias, com contos e histórias da infância da autora e dos lugares por onde ela passou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa, fomos surpreendidos com a quantidade de mulheres que iam surgindo na medida em que investigávamos os jornais e revistas do século XIX. É certo que nem todas consolidaram uma carreira literária, ainda assim, estamos diante de uma produção significativa de textos de autoria feminina. No presente artigo, concentramo-nos nas escritoras nascidas na primeira metade dos oitocentos, contudo, não seria razoável encerrar sem, pelo menos, fazer alusão às demais vozes femininas que ofereceram uma valiosa contribuição à literatura maranhense nesse período. São elas: Mariana Luz, Laura Rosa, Leonete Oliveira, Blandina Santos, Luíza Nunes, Noeline Souza, Sofia Sá de Souza, Concita Ferraz, Aura Matos e Rosa Castro.

## REFERÊNCIAS

A FACEIRA, Rio de Janeiro, ano IV, n. 36, set/out 1914, p. 6

- A IMPRENSA, Teresina, ano XIII, n. 533, 28/02/1878, p. 3
- A SEMPRE-VIVA, Curitiba, ano I, n. 12, 15/04/1925, p. 2
- BITTENCOURT, Manuel de. "Sobre os Acordes". In: BLEU, Papillon. **Acordes**. São Luís: Tip. Teixeira, 1899. p. I-IV.
- BLAKE, Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883.
- BLEU, Papillon. **Acordes**. São Luís: Tip. Teixeira, 1899.
- CARVALHO, Antonio dos Reis. "A literatura maranhense". In: **Biblioteca Internacional de Obras Célebres**. Rio de Janeiro: Sociedade Internacional, 1912. v. 20. p. 9737-9754.
- CARVALHO, Carlota. **O Sertão: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora de obras científicas e literárias, 1924.
- CATULO. **Carmina**. Trad. André Simões e José Pedro Moreira. Lisboa: Cotovia, 2012.
- CONDURÚ, Felipe. **Pai e mestre**. São Luís: SECMA, 2004.
- CORMINEIRO, Olivia Macedo Miranda. Nos limites da escrita: língua e civilização em *O Sertão* de Carlota Carvalho. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal: ANPUH, 2013.
- DIÁRIO DE SÃO LUIZ, São Luís, ano IV, n. 204, 14/09/1924, p. 2
- DIÁRIO DE SÃO LUIZ, São Luís, ano IV, n. 1137, 17/10/1948, p. 8
- DIÁRIO DO MARANHÃO, São Luís, ano XVII, n. 3954, 05/11/1886, p. 1
- DIÁRIO DO MARANHÃO, São Luís, ano XXI, n. 5123, 04/10/1890, p. 2
- DIÁRIO DO MARANHÃO, São Luís, ano XXXI, n. 7953, 05/03/1900, p. 3
- DIÁRIO DO MARANHÃO, São Luís, ano XXXIII, n. 8797, 08/12/1902, p. 2
- FREIRE, Laudelino (org). **Sonetos Brasileiros: Coletânea século XVII-XX**. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia, 1913.
- GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, ano XXXVI, n. 90, 30/03/1912, p. 4
- JANSEN, Justo. **Apolônia Pinto e seu tempo**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953
- JORGE, Sebastião. **A imprensa do Maranhão no século XIX (1821-1900)**. São Luís: Lithograf, 2008.
- JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, ano IV, n. 106, 28/06/1917, p. 24
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, ano XI, n. 70, 11/03/1901, p. 1
- JORNAL DO COMÉRCIO, Manaus, ano I, n. 291, 30/11/1904, p. 2
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, ano 101, n. 258, 28/10/1928, p. 6
- LIMA, Regina Célia Costa. **Por caminhos de terra e de tinta: A trajetória de Carlota Carvalho, uma escritora nos sertões maranhenses (séculos XIX e XX)**. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do rio dos Sinos. São Leopoldo, 2021.
- LUZ E SOMBRA, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, Janeiro/1920, p. 9
- MELO, Jeane. **Entre o magistério feminino oitocentista e a escrita da história na escola primária: A trajetória letrada da mestra Herculana Firmina Vieira de Sousa (1840-1880)**. Tese (Pós-Graduação em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- MEIRELES, Mario. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.
- MORAES, Jomar da Silva. **Apontamentos de literatura maranhense**. São Luís: SIOGE, 1976.
- MORAES, Jomar da Silva. **Apontamentos de literatura maranhense**. 2ª ed. São Luís: SIOGE, 1977.
- MATOS, Maria Cristina Alves de Oliveira Azedo. **Amor e desventuras**. São Luís: Tip. Ramos d'Almeida, 1899.
- MOTTA, Diomar das Graças. Mulheres professoras maranhenses: memória de um silêncio. **Educação & Linguagem**, ano 11, n. 18, p. 123-135, 2008.
- O PAIZ, São Luís, ano XXIII, n. 437, 18/12/1885, p. 2
- OS NOVOS, São Luís, ano II, n. 1, abr/1902, p. 6
- PACOTILHA, São Luís, ano XXII, n. 284, 29/11/1902, p. 1
- PACOTILHA, São Luís, ano XLIII, n. 237, 06/10/1924, p. 4
- PACOTILHA, São Luís, ano XLVII, n. 42, 19/02/1927, p. 4
- PURITANO, Rio de Janeiro, ano XV, n. 707, 03/07/1913, p. 6

RAGUSA, Giuliana. “De ecos, elos, laços: recepções de Safo, recepções dos clássicos.” In:

ABREU, Fernanda; OLIVEIRA, Gabriela; QUEVEDO, Rafael (orgs.). **A poesia na Ágora**. São Luís: EDUFMA, 2022. p. 87-116

RAMOS, Clóvis. **Nosso céu tem mais estrelas**: 140 anos de literatura maranhense. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973.

RAMOS, Clóvis. **As aves que aqui gorjeiam**: vozes femininas na poesia maranhense. São Luís: SIOGE, 1993.

RAMOS, Clóvis. **Roteiro literário do Maranhão**: neoclássicos e românticos. Niterói: Folha carioca, 2001.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2<sup>a</sup> ed. Brasília: Edições Câmara, 2019.

SÁ VALLE, José Ribeiro de. (org). **Antologia Maranhense**. São Luís: Ramos d’Almeida, 1937.

SILVA, Amanda Dias; LIMA, Regina Célia Costa. O feminino sertanejo na escrita jornalística da professora Carlota Carvalho, no Maranhão do entres séculos (XIX e XX). **Anais IX CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2023.

SOUZA, Crisóstomo. **Páginas de saudade**. (livro inédito)

TÁVOLA DO BOM HUMOR. **Sonetos Maranhenses**. São Luís: Imprensa Oficial, 1923.

*Recebido em: 07/09/2024*

*Aprovado em: 04/12/2024*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.